

EDUCOMUNICAÇÃO: TRABALHANDO COM AMA NA IDENTIFICAÇÃO DE INFORMAÇÕES FALSAS

FRANCISCO ABDALLA MHAMED MAIHUB OPPITZ¹; SÍLVIA MEIRELLES LEITE²

¹Universidade Federal de Pelotas – franciscomhamed08@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – silviameirelles@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O resumo apresenta o trabalho desenvolvido com integrantes da AMA (Associação de Pais e Amigos do Autista) a identificação informações falsas. A AMA é uma organização não governamental fundada em 2017 pela Angela Perotto. A instituição tem como objetivos: reivindicar os direitos dos autistas, lutar por uma criação de um centro de atendimento ao autista para que crianças com TEA (Transtorno do Espectro do Autista) possam ter um atendimento especializado e divulgar informações sobre o autismo para as famílias e sociedade a fim de ampliar a conscientização sobre TEA. No Rio Grande do Sul, segundo os especialistas, há cerca de 100 mil autistas (BORTOLON, 2024).

A importância deste projeto é devido ao fato de que muitas pessoas ainda não sabem ou têm dificuldade de identificar uma informação falsa que circula na internet. Para isso, esse trabalho foi baseado na Educomunicação, tendo como ênfase: a educação para a comunicação, o uso de tecnologias na educação e a gestão comunicativa transformou-se em objeto de políticas educacionais sob a denominação comum de Educomunicação (SOARES, 2014).

O conceito de Educomunicação vem ganhando no fórum de cidadania nos últimos anos. O fato pôde ser verificado, por exemplo, em outubro de 1999, em Bogotá, Colômbia durante a Semana Internacional sobre Comunicação e Educação que resultou no livro “comunicación educación coordinadas abordagens Y travesias” coordenado por Carlos Eduardo Valderrano, considerado um marco na definição dos parâmetros teóricos que aproximaram comunicação e educação na América Latina, bem como o fórum sobre Mídia e Educação promovendo no Brasil pelo Ministério da Educação em novembro de 1999. Nas conclusões deste último evento, os participantes afirmaram de forma enfática a convergência de saberes e a criação de novos campos de atuação a partir do desenvolvimento tecnológico atual. Nesse cenário, destaca-se a informação como fator fundamental para a educação e para uma intervenção social qualificada (SOARES, 2014; SOARES, 2000).

2. METODOLOGIA

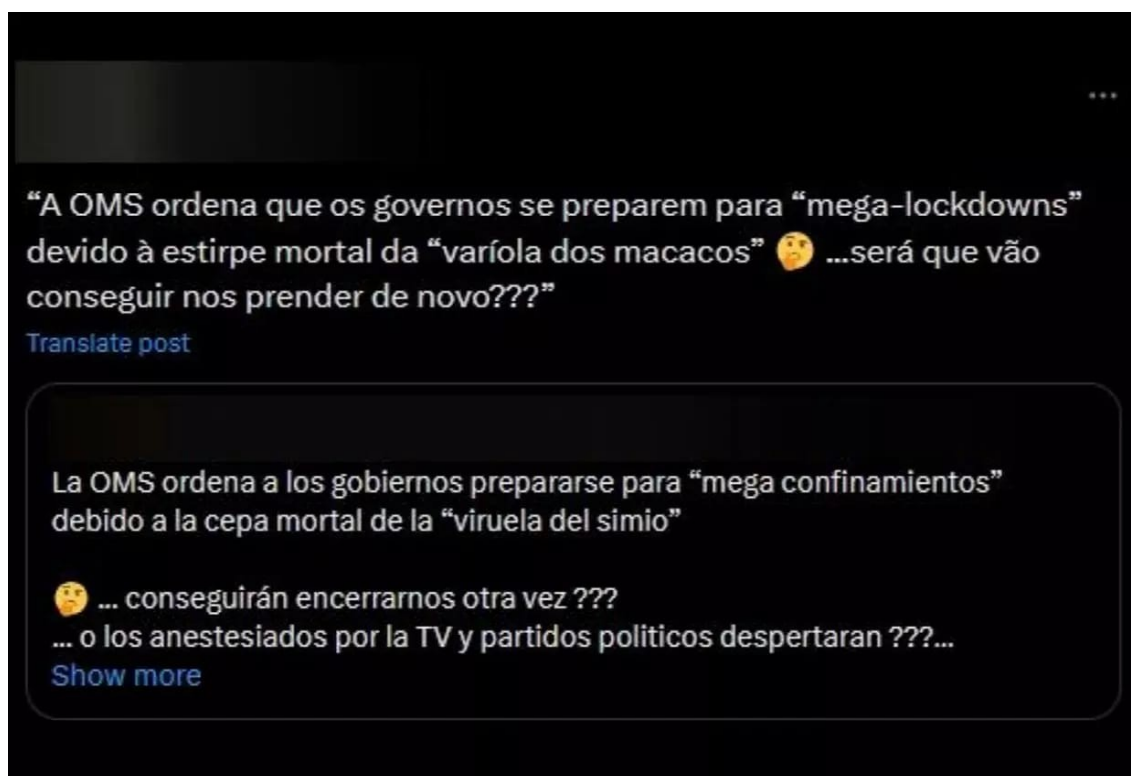
Para desenvolver o trabalho idealizado, foi feito um grupo no whatsapp de Educomunicação e convidei nove membros da AMA para participar da atividade. Na primeira etapa, eu me apresentei como um estudante de jornalismo da UFPEL, que está realizando um trabalho sobre Educomunicação com a comunidade AMA. E, também, que eu instrumentalizaria os membros da AMA para a identificação de informações falsas. Para isso: 1) enviaria informações para o grupo e perguntaria se eles achavam que era verdadeira ou falsa, 2) em seguida, enviaria sites de agências de checagem, para que os participantes

identificassem se a informação enviada era verdadeira ou falsa. Com isso, buscou-se orientar os participantes sobre a consulta em agências de checagem brasileiras como: Agência Lupa, Aos Fatos e Fato ou Fake (do G1).

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Na primeira etapa eu trouxe um print de alguém que postou uma informação falsa sobre a OMS que ordena que os governos se preparem para um novo Lockdown devido a varíola dos macacos (Figura 1). Após, perguntei se eles sabem identificar se a informação é verdadeira ou falsa.

Figura 1: Informação falsa sobre novo Lockdown



Em seguida, um dos membros do grupo identificou se tratar de uma informação falsa, e escreveu no grupo do WhatsApp: "Mentira. Pesquisei e encontrei dados assustadores sobre a abrangência mundial de infectados, mas não li informações sobre confinamento". Logo em seguida, um outro membro do grupo também identificou a informação como uma notícia falsa, argumentando no grupo do WhatsApp: "O tom da mensagem sugere que o público alvo são pessoas que já acreditam em fake news sobre a COVID quando diz que 'vão prender de novo'. Acho que é fake. Sem falar que o nome da doença mudou faz um tempo para desassociar essa doença dos primatas, que não tem nada a ver com a transmissão. Hoje chama MPOX né". Um terceiro membro do grupo também respondeu que acreditava que a informação era falsa e acrescentou: "Acho que é fake.. se tem emoji junto na mensagem não me passa credibilidade"

O segundo passo, foi mostrar para os participantes três links de diferentes sites de agências de checagem: Agência Lupa, Fato ou Fake (G1) e Aos Fatos.

Em seguida eu solicitei que eles dessem uma pesquisada sobre a imagem enviada anteriormente e depois me contassem o que acharam. Então, uma das integrantes do grupo disse que já era assinante da Lupa. Outro membro contou que leu os sites muitas vezes e quando eu perguntei se ele conseguiu localizar nos sites das agências de checagem sobre notícias da OMS decretando o Lockdow para a varíola dos macacos, ele respondeu que sim. Na terceira etapa, eu anunciei que faria a última pergunta sobre identificação de informações falsas. Então, eu trouxe um segundo print (Figura 2) de uma informação sobre o Bill Gates que estaria supostamente inserindo HIV em vacinas contra a varíola dos macacos, e planejando causar uma pandemia forjada em laboratório. Junto ao envio da figura, perguntei se eles acham que tal informação é verdade ou falso.

Figura 2: Informação falsa sobre HIV e vacinas contra a MPOX



Uma das integrantes do grupo me respondeu: “Olha Francisco, nem vou buscar orientação. É notícia falsa”. Então, eu perguntei aos demais membros o

que eles achavam. E em seguida, mais duas pessoas também comentaram que acham que a notícia era falsa. Por fim, um outro membro respondeu no grupo: “É falsa. Essa fake tem um público alvo bem claro. Essa é para o movimento antivacina e pra quem já acredita nas várias teorias da conspiração envolvendo a fundação Bill Gates”

Em seguida, uma outra integrante do grupo respondeu: “Informação muito falsa. Se algo sobre isso tivesse comprovação a notícia sairia nas páginas policiais”. Então, finalizei dizendo que eles acertaram os dois questionários, tanto a da OMS e o suposto Lockdown para a varíola dos macacos quanto a do Bill Gates e a suposta pandemia criada em laboratório. Ambos se tratavam de informações falsas.

4. CONSIDERAÇÕES

Aprendi com esse trabalho que nem todas as pessoas são ingênuas a ponto de acreditar em qualquer informação ou teoria da conspiração que circulam na internet se passando por notícia jornalística. E embora vivemos num país onde muitas vezes as informações falsas e teorias da conspiração, mesmo aquelas que já foram checadas e desmentidas, acabam influenciando decisões como se vacinar e até mesmo os rumos das eleições. Para os participantes que não conheciam as agências de checagem, foi sugerido que os consultassem os sites indicados com frequência e seguissem perfis da Agência Lupa, da Fato ou Fake (G1) e da Aos Fatos nas redes sociais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTOLON, Eugênio. Acolhimento de crianças autistas é desafiador mesmo com abrigos específicos no RS. **Brasil de Fato**. 22 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/05/22/acolhimento-de-criancas-autistas-e-desafiador-mesmo-com-abrigos-especificos-no-rs>. Acesso em: 04/10/2024.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 19, p. 12-24, set./dez. 2000. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/36934/39656>

SOARES, Ismar Oliveira. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre Comunicação e Educação. **Comunicação & Educação**, Ano XIX, número 2, jul/dez 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/72037/87468>